

## **TRANSPORTES PÚBLICOS – PARA UM FUTURO MAIS SUSTENTÁVEL**

**Diogo Júdice – Técnico Superior**

Num pequeno país como Portugal, onde apenas existem cerca de 10 milhões de habitantes, o parque automóvel ascende já aos 5.500.000 veículos, número que ultrapassa a média europeia. Esta quantidade gigantesca de automóveis, deveria preocupar-nos verdadeiramente, não somente por tudo aquilo que implica em termos de congestionamento de tráfego, mas também pelos enormes danos que tal volume provoca ao meio ambiente.

Actualmente e cada vez mais nos encontramos dependentes de meios motorizados para efectuarmos as nossas deslocações diárias, sendo que o de viatura própria está de tal forma enraizado na nossa sociedade que, mesmo existindo alternativas ao nível dos transportes públicos, muito dificilmente dispensaremos o uso do nosso próprio veículo. A actual crise económica tem retirado alguns milhares de automóveis da circulação, o que não deixará de ter repercussão a vários níveis, designadamente em termos ambientais.

Penso que a crise poderá ser uma excelente oportunidade para se dar um passo em frente no que diz respeito à política de transportes no nosso país, nomeadamente, através da adopção de uma série de medidas que permitiriam tornar mais forte e racional a rede de transportes públicos, de forma a que esta possa ser encarada como uma verdadeira alternativa ao uso do transporte individual.

Uma política de transportes verdadeiramente bem pensada e planeada teria certamente grandes implicações na sociedade e na economia nacional. Na verdade, esta política implicaria um articular de várias outras políticas, quer ao nível do planeamento territorial, quer do ambiente ou da mobilidade urbana sustentável. Estou convicto de que a melhoria da rede de transportes públicos serviria não só para promover a criação de mais emprego, mas também para ajudar a nossa economia a desenvolver e exportar tecnologias associadas ao sector.

Mas como fazer com que as pessoas usem os transportes públicos?

Em primeiro lugar, criando condições verdadeiramente atractivas ao seu uso, através de uma política de transportes adequada, que promova a sua utilização. Afinal se pretendermos que as pessoas deixem o carro, tem que se oferecer alternativas adequadas: estacionamento seguro às portas das cidades, melhor rede de metro, melhores comboios e maior e melhor oferta de

autocarros (novos e ecológicos). Em segundo lugar, criar uma consciencialização coletiva da imperiosa necessidade de utilizarmos a rede de transporte público, pois ao fazê-lo estaremos seguramente a contribuir para um planeta mais limpo.

Senão vejamos:

Pelo facto de todos os dias entrarem centenas de milhares de veículos nas grandes cidades, estas tornaram-se nos últimos anos, centros urbanos com altíssimos níveis de poluição. Por ordem decrescente encontramos, Lisboa, Porto, Braga e Coimbra respectivamente (a avenida da Liberdade em Lisboa, bate todos os recordes europeus no que à poluição atmosférica respeita!).

Medidas tão simples como a criação de mais faixas bus por forma a dar prioridade aos transportes públicos, mas também a adopção de pagamento de portagens (à semelhança de outras cidades europeias) e de vias de rodagem reservadas aos veículos eléctricos (incentivando assim a sua compra) por um lado, mas também e por outro lado, a interdição do acesso a veículos que ultrapassem os limites de emissões poluentes e a veículos particulares transportando apenas um ocupante, levariam certamente muitos milhares de pessoas a terem que usar os transportes públicos e/ou a partilharem o carro próprio com outros.

Defendo a restrição (quase) total ao uso do automóvel dentro dos centros históricos das cidades. Para o fazer só há uma possibilidade, atura através do estacionamento, penalizando-o, quer pelo aumento substancial do preço, quer pela redução dos lugares disponíveis, criando passeios mais largos, uma boa rede de ciclo vias e finalmente, devolvendo a cidade aos peões. Estou certo que estas medidas ajudariam a baixar os níveis de poluição nas grandes urbes e também levariam a uma redução dos índices de sinistralidade rodoviária, afinal se houver menos carros em circulação, também menores serão as probabilidades de acidentes rodoviários.

Quantos de nós, não utilizamos carros, por vezes de grandes dimensões para nos deslocarmos sozinhos? Mais do que os custos puramente económicos penso que nos deveriam preocupar (seriamente) os enormes custos ambientais que com essa decisão (uso de veículo privado em detrimento do público) causamos ao nosso planeta.

Um planeta que está perdendo o azul em detrimento de uma mescla de cores pálidas acastanhadas que pairam sobre os continentes, e se espalham sobre os oceanos, um planeta que caminha para um ponto de não retorno, caso não mudemos os nossos comportamentos e as nossas atitudes, um planeta que está na mão de todos, e que todos podem e devem defender, em

prol de um futuro melhor para nós, para com as gerações mais novas, e sobretudo, para com as gerações vindouras.

Cada vez mais, temos melhores e mais modernas empresas de transportes públicos orientadas por critérios de sustentabilidade económica e pelo desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer as gerações futuras e privilegiando a aplicação de técnicas não poluentes (veículos mais ecológicos), de monitorização ambiental e de racionalização de energia, no estrito cumprimento com o respeito pelo ambiente e subscrevendo, assim, o objectivo estratégico do “Protocolo de Quioto”.

Ao fazermos esta opção estratégica pelo uso dos transportes colectivos públicos, estamos a assumir o compromisso de mudarmos comportamentos, de sermos mais racionais nas nossas decisões económicas, de inovarmos na forma como vivemos a vida, de ganharmos tempo para nós e também de defendermos as nossas próprias vidas, afinal os níveis de segurança em transportes públicos são bem maiores do que em veículos ligeiros.

A partir do momento em que comecei a andar nos comboios da linha de Cascais, constatei que não só poupo na carteira, como ganho em segurança, ajudo a proteger o ambiente e contribuo para um planeta mais azul.

(2012)